

a chanceler: a notável
odisseia de angela merkel
kati marton

*Para a minha filha,
Elizabeth Jennings,
para Ilona Fitzpatrick Jennings
e para a próxima geração*

ÍNDICE

<i>Prólogo: A Filha do Pastor</i>	11
1. REMAR CONTRA A MARÉ	25
2. EM LEIPZIG, SOZINHA	42
3. BERLIM	48
4. 1989	57
5. A APRENDIZA	65
6. FINALMENTE, NA CHANCELARIA	85
7. O SEU PRIMEIRO PRESIDENTE NORTE-AMERICANO	103
8. DITADORES	111
9. A CHANCELER RESERVADA	128
10. PARCERIA LIMITADA	142
11. AGORA A EUROPA FALA ALEMÃO	156
12. A GUERRA NA UCRÂNIA: «LIGUEM À ANGELA»	167
13. O VERÃO DE REEM	184
14. A ÉPOCA MAIS DIFÍCIL	203
15. TRUMP ENTRA EM CENA	212
16. «ALGO MUDOU NO NOSSO PAÍS...»	232
17. FINALMENTE, UMA PARCERIA?	251
18. QUASE NO FIM	263
<i>Epílogo</i>	285
<i>Imagens Finais</i>	291
<i>Agradecimentos</i>	299
<i>Notas</i>	303
<i>Bibliografia</i>	315
<i>Créditos fotográficos</i>	319

Prólogo

A FILHA DO PASTOR

CHEGA EM SILÊNCIO. NEM SIRENES SONANTES, NEM LUZES A PISCAR, nem falanges de apoio anunciam a entrada de Angela Merkel na capela simples de tijolo, em Potsdam, nos arredores de Berlim. O caminhar ligeiramente corcovado é determinado. As câmaras dos *iPhones* acendem-se à medida que ela passa pelos bancos da capela, e ela — esta mulher que detesta que lhe apontem câmaras — sorri, para lhes fazer a vontade. Este é o seu povo. Embora a capela fique próxima da capital, esta é uma tribo diferente dos berlinenses sofisticados com quem Merkel passa a maior parte dos seus dias de trabalho. O seu pai tinha sido pastor numa igreja de paróquia igualmente simples e, neste serão húmido de outono, este singelo local de culto oferece um refúgio temporário da turbulência do seu quarto e último mandato. Os dias passados na sua província natal de Brandemburgo — com caminhadas nos bosques mais próximos — são cada vez mais raros. Está demasiado ocupada, a salvar o mundo.

Esta noite, quando Merkel chega à *Oberlinkirche*, rodeada de pessoas que passariam por seus familiares, a chanceler da República Federal da Alemanha, com 63 anos, permite-se baixar a guarda por breves instantes. Está com o seu uniforme vestido: o casaco da cor de uma joia (esta noite, é verde-esmeralda) e calças pretas. Com os sapatos pretos rasos bem fincados no chão, Merkel senta-se numa cadeira de costas retas, em frente ao altar, com as pontas dos dedos a tocar-se ligeiramente — um gesto de oração já tão conhecido dos alemães, que já deu origem a um *emoji*. «Ao longo da minha infância, os sinos da igreja tocavam todas as manhãs, assim como às seis da tarde. Tenho saudades disso», comenta ela com o público silencioso, que aprecia este raro vislumbre privado da sua líder extremamente reservada. Por um instante apenas, o sorriso da chanceler — e não o sorriso falso de um político — apaga as rugas profundas que lhe marcam o rosto. Nos últimos anos, o mundo da primeira mulher chanceler alemã foi perturbado

por crises sociais e políticas. Desgastada pela crescente vaga de populismo a nível mundial, Merkel é caluniada pela extrema-direita, agora presente no parlamento alemão (*Bundestag*) pela primeira vez, desde a Segunda Guerra Mundial. O choque de um populista norte-americano na Casa Branca a elogiar Vladimir Putin, o inimigo de Merkel em Moscovo, ainda está fresco na memória.

«No primeiro dia de escola», continua Merkel, oferecendo um vislumbre da complexa infância da filha de um pastor na ateia Alemanha de Leste, «os alunos tinham de se levantar e dizer qual era a profissão dos pais.» Lembrou-se de os colegas a aconselharem a responder «motorista», sendo que esta era uma profissão mais associada ao proletariado do que a de um pastor e, em alemão, as duas palavras são praticamente idênticas.

«Pastor», respondeu ela à professora.

Merkel não precisa de explicar a este público o quão perigoso era ser-se sincero na Alemanha de Leste. Até as crianças tinham de tentar passar despercebidas do Estado omnividente. A *Stasi* tinha penetrado a sociedade de uma forma mais profunda e abrangente do que a sua antecessora, a *Gestapo*. O Ministério da Segurança do Estado tinha 173.000 funcionários, incluindo informadores, por comparação com os 7000 que existiam no Terceiro Reich. Havia um informador para cada sessenta e três pessoas. «Claro que esta infância moldou a minha vida», diz Merkel, oferecendo, talvez inadvertidamente, uma pista para a pessoa que é, como manteve o poder durante uma surpreendente década e meia, e porque continua a ser uma figura misteriosa, mesmo no seu próprio país e, certamente, para o resto do mundo.

Voltando a trazer a conversa para o presente, o Pastor Matthias Fichtmuller pergunta se a chanceler lê os livros que se escrevem acerca dela. «Sim, mas não me reconheço neles!» Toda a paróquia se ri com ela. «Certifiquei-me de que havia limites, pelo que certas áreas da minha vida não estão abertas ao público», afirma. Merkel deixou sempre bem claro que tudo o que ultrapasse o seu cargo oficial não diz respeito a mais ninguém. Este secretismo tornou-se uma verdade inquestionável no seio da comitiva da chanceler. Durante os seus dezasseis anos no cargo, não houve fugas de informação nem biografias reveladoras, escritas sequer por antigos funcionários ou confidentes. Os seus assessores excecionalmente leais são extremamente protetores em relação à mulher que quase todos serviram durante década e meia. «Vocês ainda aqui estão todos?», foi a expressão de espanto de Barack Obama, ao ver a comitiva de Merkel durante uma

viagem a Berlim em 2016, praticamente inalterada desde que ele tomou posse, em 2008.

Ao fim de várias décadas, os alemães não se cansaram da sua imagem, da sua voz, da sua personalidade imponente — pois esta não se impõe. Apesar de pouco saberem sobre a vida privada da chanceler — à exceção de que parece levar uma vida semelhante à deles —, os alemães reelegeram-na três vezes, e sempre com uma margem confortável. Muito ocasionalmente, poderão vê-la aperaltada para o Wagner Festival, em Bayreuth, na Alemanha, mas é igualmente provável que a vejam a fazer as suas próprias compras para a casa. Merkel assimilou a lição deixada pelos seus antecessores, como Helmut Kohl — que exibia a esposa e os filhos como se fossem a família perfeita, até que ela se suicidou e os filhos desapareceram — ou o herói da Guerra Fria, Willy Brandt, que se soube mais tarde ser um ninfo-maniaco depressivo.

Ocasionalmente, a insistência de Merkel em relação à sua privacidade torna-se quase uma paranoia. Não tem agenda, não usa correio eletrónico e só envia mensagens de texto curtas e quando é necessário. Se alguém que lhe é associado revelar um pormenor aparentemente trivial da sua vida privada, essa relação pode ter os dias contados. Certo aliado político nunca mais recuperou a confiança de Merkel, depois de divulgar um *e-mail* com três palavras, que dizia: «Obrigada pela sugestão, A.M.»¹

Nas suas tentativas de penetrar o enigma que é Angela Merkel, os observadores ficam por vezes limitados a estratégias absurdas. Vejamos, por exemplo, esta análise do *Die Zeit*, um respeitado semanário alemão: «Enquanto Merkel está de pé, a falar na ZDF [televisão pública alemã] com algumas pessoas, gira o botão superior do casaco. Não o mexe para trás e para a frente, mas em círculo, a um ritmo regular. Quando a chanceler está sob pressão, esfrega a unha do polegar com o dedo indicador; por outro lado, os círculos indicam uma concentração profunda.»² Durante as conferências de imprensa nas capitais estrangeiras, «o seu nível de impaciência para com o apresentador torna-se evidente pela frequência com que olha para a pilha de papéis que este tem consigo».

Algumas pistas visuais parecem ser mais fundamentadas: a cabeça inclinada e o olhar arregalado e incrédulo quando Trump comentou, no primeiro encontro de ambos: «Temos algo em comum, Angela. Estivemos ambos sob escuta [por ordem de Obama]»; o incrível revirar de olhos quando lhe perguntaram, numa conferência de imprensa, se «confiava» no exuberante primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, ou o mesmo olhar

quando o russo Vladimir Putin lhe dava uma explicação machista e condescendente; ou os seus olhos emocionados, chegando mesmo a derramar uma ou duas lágrimas, quando se despediu do presidente Obama, em 2016.

Apesar de ser útil para a sua própria longevidade política, a extraordinária autodisciplina que leva os jornalistas a tentar interpretar cada revirar de olhos e tique nervoso é também prejudicial, pois para compreendermos os tempos atuais, é *crucial* compreender Angela Merkel. Num momento de rutura social e política, a nível global, nenhum outro líder mundial protegeu a ordem democrática liberal do pós-Segunda Guerra Mundial com a mesma ferocidade, confrontando autoritários agressivos como Putin ou Trump. Merkel transformou a Alemanha no país líder europeu — não só um líder económico, mas também um líder moral — e numa nação de imigrantes, ao acolher um milhão de refugiados do Médio Oriente.

Como conseguiu ela tudo isto, sendo uma pária a triplicar — uma alemã de Leste, uma cientista e mulher, num dos poucos países europeus que nunca teve uma rainha? Como é que uma política com uma retórica tão simples como a sua aparência conquistou tanto poder e longevidade nesta era digital, em que há cada vez mais défice de atenção? Evidentemente, a inteligência e o trabalho árduo contribuem para a explicação. Num país onde os avós ainda se lembram dos desfiles com archotes e das multidões que gritavam em uníssono o nome de um demagogo, o discurso neutro de Merkel foi frequentemente uma vantagem. Quando o líder da Organização Mundial do Comércio, Pascal Lamy, lhe pediu que acrescentasse «um pouco mais de poesia»³ aos seus discursos, Merkel disparou: «Não sou um poeta.» A sua abordagem calma e analítica, desenvolvida ao longo dos anos passados a estudar física, permitiu-lhe ter uma perspetiva a longo prazo da governação. «Pondero as coisas a começar pelo fim; começo pelo resultado desejado e trabalho daí para trás... O que importa é o que estará feito daqui a dois anos, e não o que leremos nos jornais de amanhã»⁴, afirmou. Também não se envolveu na política da insinuação ou da difamação — nem mordeu o isco daqueles que o fazem. «Ela não entra nos jogos deles. Sabe muito bem quando Putin ou Trump estão a mentir-lhe», comentou o antigo presidente alemão, Joachim Gauck. Acima de tudo, Merkel ignorou as invenções de ambos e seguiu com a sua própria agenda política.

Para alcançar o que alcançou, e pelo período de tempo em que esteve no auge do poder, Merkel teve de ser tão arrojada como determinada — sem dar a entender essas qualidades.

Em muitos assuntos sensíveis, Merkel foi bem-sucedida ao trabalhar

nos *bastidores*, de forma indireta e sem atrair as atenções para si mesma. O facto de ser uma protestante divorciada de Leste, a viver com o seu companheiro quando ascendeu a líder da União Democrática Cristã, ou CDU — partido de centro-direita, cristão, conservador e maioritariamente masculino — da Alemanha, prova a sua capacidade de se manter afastada das luzes da ribalta. Com um toque muito delicado, transformou a Alemanha numa sociedade muito mais liberal. Depois de nomear Guido Westerwelle, o primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros alemão abertamente *gay*, em 2009, elogiou publicamente o marido do ministro e o romance de ambos — ainda assim, sem declarar explicitamente o seu apoio à igualdade no casamento. Quando a Alemanha foi a votos relativamente a esta questão, oito anos mais tarde, Merkel aconselhou o seu partido conservador a votar com consciência, em vez de seguir a linha do partido contra a igualdade no casamento. Assim, sem discursos nem afirmações políticas da parte da chanceler, a igualdade no casamento tornou-se lei.

Usou as mesmas táticas subtis para aumentar as oportunidades para as mulheres. Quando o líder do partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha (conhecido como AfD), observou as mulheres que rodeavam Merkel e resmungou «Já não há homens no partido CDU?», a conselheira próxima da chanceler, Eva Christiansen, sussurrou-lhe: «Ganhámos!» Merkel limitou-se a esboçar o seu sorriso enigmático. A chanceler já demonstrou consecutivamente o que um líder consegue fazer *discretamente*, sem se gabar das suas proezas.

Parte da sua genialidade política deriva do facto de esta reconhecer as boas ideias, independentemente da sua origem. «Ela cumpriu os programas dos partidos rivais, a nível de energia, cuidados infantis, igualdade no casamento e direitos das mulheres», disse Michael Naumann, o antigo ministro da Cultura do Partido Social-Democrata (SPD). Esta é também uma forma inteligente de neutralizar possíveis adversários. «A Angela é muito competente a apropriar-se de qualquer assunto, assim que este se torna relevante», afirmou Gauck, um octogenário elegante e incrivelmente parecido com o falecido ator James Garner. «É por isso que os partidos rivais têm receio de formar uma coligação governativa com ela.» Ainda assim, nem o medo das suas apropriações impediu Merkel de formar coligações com os partidos rivais, necessárias para manter a CDU no poder durante dezasseis anos — embora, por vezes, isso tenha complicado o processo, como veremos.

Outro elemento-chave para a longevidade política de Merkel é a sua curiosidade insaciável. Com mais de 60 anos, continua a empolgar-se com

o que é novo e interessante. Pessoas, factos, História, problemas para resolver, disputas para solucionar; tudo isso ainda a entusiasma. No entanto, à parte de adorar desafios, o que *motiva* Angela Merkel? «*Macht, macht, macht*» («Poder, poder, poder»), disse certa vez o seu mentor, Helmut Kohl. Merkel aprendeu com homens poderosos, observando-os, e Kohl, chanceler alemão entre 1990 e 1998, é um dos muitos cuja vida política sofreu por ter subestimado a mulher a quem outrora apelidou de sua *Mädchen* (menina). Com muito poucas mulheres a quem pudesse seguir o exemplo — entre elas, Catarina, a Grande, imperatriz russa do século XVIII, e Marie Curie, química francesa —, e sem qualquer rede de apoio, Merkel teve de se inventar a si mesma como política. «Como mulher, exercer autoridade é algo que temos de aprender. Sem poder, não vamos longe»⁵, afirmou Merkel. Ainda assim, o poder que esta cultivou é bastante específico.

A presunção, como sugere o comportamento de Merkel, é uma fraqueza masculina.⁶ Uma mulher num cargo de poder tem assuntos mais urgentes a tratar do que o seu ego. No entanto, o facto de Merkel silenciar o seu ego já a levou a perder oportunidades de se relacionar com as pessoas a um nível mais pessoal. Em 2009, com o primeiro-ministro polaco Donald Tusk ao seu lado, a chanceler dirigiu-se a uma multidão, em Hamburgo. Não referiu, uma vez sequer, que tinha nascido naquela cidade ou que o seu avô nascera na Polónia. A maioria dos políticos teria aproveitado uma oportunidade destas para se relacionar com o seu público. Nos seus últimos anos de mandato, este instinto de criar uma liderança impessoal foi posto à prova pela ascensão de líderes carismáticos por todo o mundo.

Não é que Merkel não possua um ego robusto; caso contrário, não teria seguido uma carreira política. Quando lhe perguntaram quem era o seu ídolo, a chanceler respondeu: «Eu própria, sempre que possível.»⁷ Merkel definiu a imagem, o discurso e comportamento de uma mulher no poder. No entanto, se examinarmos mais de perto, o enigma de Angela Merkel só se torna mais complexo. Tem sido a mulher com mais poder no palco internacional — e, mesmo assim, hesita em declarar-se feminista. Apesar de ser uma política de sucesso, prefere a companhia de músicos, cantores, atores e escritores. Numa era de homens poderosos e tagarelas, é discreta.

Merkel não é exatamente quem pensamos. Na verdade, está longe da imagem rígida e circunspecta que habitualmente projeta para o mundo. Quando era uma jovem presa atrás da Cortina de Ferro, disse que o seu sonho era «ver as Montanhas Rochosas e dar umas voltas de carro, a ouvir Bruce Springsteen»⁸. «Ela é hilariante», acrescenta Philip Murphy, antigo

embaixador norte-americano na Alemanha e atual governador de Nova Jérсия. Apesar das décadas passadas no palco internacional, Merkel não perdeu o seu talento para ser normal. Como explica o seu conterrâneo da Alemanha de Leste, David Gill, cônsul-geral da Alemanha em Nova Iorque: «Quando começamos a vida como ela começou, por trás do Muro — que pensávamos ser permanente —, nunca ultrapassamos isso. Os outros podem esquecer-se das origens de Angela Merkel, mas ela não o faz.»

Durante toda a sua vida adulta, Merkel apoiou-se na sua memória quase fotográfica, na sua capacidade científica, desenvolvida para reduzir os problemas aos seus componentes básicos, e na sua insaciável vontade de trabalhar. Acrescentem-se a estas qualidades o facto de que não precisa de muitas horas de sono (cinco, no máximo) e uma saúde de ferro. Tendo aprendido tarde a andar, Merkel teve uma infância dada a quedas e lesões. No entanto, com mais de 60 anos, graças à sua pura força de vontade, ainda consegue caminhar durante seis horas seguidas. A partir destes pontos fortes — alguns natos, outros desenvolvidos —, flui uma confiança inabalável que frequentemente enerva os outros chefes de Estado e que contribuiu para a sua surpreendente longevidade como chanceler.

Após a conversa com o pastor, Angela Merkel circula pela pequena capela, a falar descontraidamente com os convidados e empregados de *catering*. Alguns dos empregados, que são também membros desta paróquia, têm síndrome de Down e outras incapacidades. Tendo crescido na companhia de pessoas incapacitadas, que constituíam uma parte vital da paróquia do seu pai, a chanceler parece totalmente à vontade, a provar alegremente os canapés que eles prepararam.

A chave para compreender as conquistas de Merkel e, na verdade, compreendê-la enquanto pessoa, está nessas origens. Sobreviver ileso à polícia estatal da Alemanha de Leste, como foi o caso de Angela Merkel, é só por si uma proeza e explica a sua resiliência pessoal e política. Essa metade da sua vida produziu o oposto de uma idealista. Merkel não acredita que o arco da História penda para o lado da justiça; pelo contrário, é uma otimista motivada para agir, com uma profunda noção da fragilidade humana. Nos seus últimos anos como chanceler, fez repetidas referências a civilizações que desaparecem porque não conseguem proteger a sua liberdade e segurança. Num discurso, mencionou a queda do Império Inca e, mais recentemente, invocou a Paz de Augsburg de 1555, um interlúdio pacífico

durante as sangrentas guerras religiosas da Europa, nos séculos XVI e XVII. Após este período de paz, uma nova geração, sem memória da miséria da guerra, mergulhou novamente num conflito ruinoso, resultando na morte de um terço da população alemã.

Passaram mais de setenta e cinco anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, mas, até hoje, há uma dúvida que atormenta a Alemanha: poderá um país que criou o campo de Auschwitz e engendrou o genocídio mais cruelmente eficaz e sistemático da História alguma vez ser «normal»? Angela Merkel responderia provavelmente na afirmativa — mas com ressalvas. *Sim, mas* apenas se a Alemanha continuar a assumir a sua responsabilidade como autora de um dos capítulos mais tenebrosos da História. Sob a sua liderança, Merkel estava determinada a garantir que assim seria. Como filha de um pastor, acredita no trabalho silencioso e persistente da salvação quotidiana.

Este relato — um retrato mais humano do que político — tenta explicar como é que esta filha de um pastor, esta pária, se tornou a mulher mais poderosa do mundo. Ao escrever este livro, baseei-me em entrevistas informais e, muitas vezes, minuciosas que Angela Merkel deu desde 1990 — quando a física de 35 anos tinha acabado de entrar para a política — até 2005, quando foi eleita a primeira mulher chanceler da Alemanha. Complementei estas entrevistas — muitas, nunca publicadas em português — com dezenas de conversas com os seus mentores, amigos e colegas, que constituem o âmago desta narrativa. Várias pessoas do seu círculo restrito mostraram-se dispostas a falar comigo, contornando a extraordinária necessidade de controlo da chanceler, desde que os seus nomes não fossem diretamente citados. Os meus próprios encontros com Angela Merkel, desde 2001, embora não tenham sido entrevistas formais, serviram também para aprofundar a minha familiaridade e compreensão da chanceler.

Tendo passado a minha própria infância na Hungria, um satélite do Bloco de Leste, semelhante à Alemanha de Leste nativa de Merkel, a minha educação ajudou-me a compreendê-la, e especialmente à sua extrema reticência perante o público, derivada de uma infância e juventude passadas num estado policial. Só quando toda a falsa construção do Império Soviético desmoronou é que Merkel embarcou na vida política. Quando surgiu a oportunidade de servir e fazer o bem — tal como ditou a sua fé luterana —, Merkel agarrou-a. No entanto, como veremos, os motivos que a

levaram a fazê-lo foram tão complexos como ela própria. Procurou e viveu a vida aventureira e intelectualmente desafiante por que ansiava quando vivia por trás do Muro, durante trinta e cinco anos.

De volta à capela, o Pastor Fichtmuller inclina-se para a chanceler.

— Fica aborrecida por ainda lhe chamarem «a filha do pastor»? Com a sua idade? — pergunta-lhe.

A mulher mais poderosa do mundo responde, sem hesitar:

— De todo. É quem eu sou.

A CHANCELER



O pai de Angela Merkel, o Pastor Horst Kasner — visto aqui nos bosques perto de Templin, onde a futura chanceler foi criada —, mudou-se com a família da Alemanha Ocidental para a Alemanha de Leste, pouco depois do nascimento da filha. Seguiu assim o apelo da Igreja Luterana para pregar no estado comunista e ateu. Conhecido por ser um homem severo e demasiado complacente perante o regime, foi com ele que Angela aprendeu o rigor lógico.

1

REMAR CONTRA A MARÉ

«Na vida, nada existe para se temer;
apenas para compreender.»

— Marie Curie (1867–1934)

O Pastor Horst Kasner perdeu o nascimento da primeira filha. Nesse dia, 17 de julho de 1954, conduzia uma carrinha cheia com a mobília da família, em direção a uma aldeola remota na Alemanha de Leste, onde iria começar uma nova vida como pastor da aldeia.

«Só os comunistas ou os idiotas vão para Leste de livre vontade», disseram a Kasner as pessoas que se mudavam para o Ocidente. Com mais de um metro e noventa, o homem de 28 anos, com traços bem definidos, foi um dos poucos a responder ao apelo do bispo de Hamburgo, Hans-Otto Wölber, para servir na desamparada zona soviética. «Teria viajado para qualquer parte do mundo, para pregar a palavra do nosso Senhor»⁹, afirmaria Kasner posteriormente. Ele e a esposa, Herlind, uma professora de Inglês de 26 anos, estavam casados havia apenas um ano. Horst tinha avisado Herlind Jentzch, nascida em Danzig, esbelta e de olhos azuis, que o seu dever para com a Igreja estaria sempre em primeiro lugar¹⁰. E manteve a sua palavra.

Kasner, nascido Kazmierczak, filho de pai polaco, mas criado em Berlim, tinha 7 anos quando Adolf Hitler ascendeu ao poder, em 1933. Foi membro da Juventude Hitleriana do Partido Nazi enquanto andava no liceu e recrutado para as forças armadas nazis, ou *Wehrmacht*, aos 18 anos. Diz-se que foi capturado um ano mais tarde, pelos Aliados — embora os pormenores deste capítulo da sua vida estejam vedados aos investigadores, se sequer existirem, depois de tantas décadas. Após a sua libertação, Horst estudou Teologia na prestigiada Universidade de Heidelberg e depois em

Hamburgo. E esta é toda a informação que consta do registo público relativamente ao passado do pai de Angela Merkel.

Felizmente, as entrevistas pessoais revelam-nos mais. Para este homem de Deus, austero e exigente, Angela nunca viria a ser tão importante como a sua fé ou o seu rebanho. Embora tenha aceitado este facto, a sua filha mais velha ansiava, compreensivelmente, por um pai mais presente e que a aprovasse. Kasner nunca estava totalmente satisfeito com a sua filha genial — definitivamente, nunca expressou explicitamente a sua aprovação —, mas Angela nunca deixou de tentar conquistar o seu total apoio. Há uma ligação clara entre o anseio pela aprovação do pai — que nunca chegou a ser totalmente concretizado — e a sua intensa motivação para ser bem-sucedida. Mas talvez nenhuma das ações de Horst Kasner tenha tido tanta influência no desenvolvimento inicial de Angela como a decisão de deixar a relativa segurança da Alemanha Ocidental para enfrentar os perigos e a volatilidade do Leste ocupado pelos soviéticos.

O local de nascimento de Angela Merkel, a outrora movimentada cidade portuária de Hamburgo, tornou-se uma ruína chamuscada e irreconhecível depois de os bombardeiros britânicos e norte-americanos a terem arrasado em 1943, matando quarenta mil pessoas. Os alemães inventaram uma nova palavra, *Feuersturm* (Tempestade de fogo), para descrever a devastação da cidade. No entanto, por altura da rendição da Alemanha, a 8 de maio de 1945, milhares de sobreviventes desesperados — entre eles, os refugiados acabados de libertar dos campos de concentração e aqueles que fugiam do implacável Exército Vermelho, da União Soviética — foram atraídos para as ruínas de Hamburgo, juntando-se nas carcaças de edifícios e em abrigos improvisados.

Em 1954, o ano em que Angela Dorothea Kasner nasceu, no Barmbek Hospital, os cidadãos determinados já tinham limpado o pior da devastação. Podia-se circular novamente nas ruas, os edifícios eram reconstruídos sob andaimes e, aos poucos, a vida voltava ao seu antigo ritmo. Os Aliados, que tinham largado as bombas dez anos antes, enviavam agora milhões para a ajuda à reconstrução. Hamburgo estava prestes a tornar-se o centro de comércio, imprensa e estilo da República Federal da Alemanha, reclamando gradualmente o estatuto que detivera nos séculos XVI e XVII, como cidade livre e imperial da Liga Hanseática — uma associação comercial marítima do Báltico. Os sobreviventes da *Feuersturm* voltaram a imaginar

as possibilidades de uma vida decente. Ansiosas por enterrar o passado sob os destroços, as multidões encheram as tabernas dos bairros duvidosos de St. Pauli, e a cidade teve um pico de energia criativa, incluindo um ambiente vibrante de concertos e teatro, além da imprensa espirituosa e irreverente. Os que participaram neste renascimento tinham tanta relutância em lembrar-se da vida durante o Terceiro Reich, como de sequer pensar nos seus conterrâneos agora encurralados no Leste, ocupado pelos soviéticos.

Em 1954, tinha-se tornado evidente que a República Democrática da Alemanha pouco tinha de democracia. Fundada em 1949, sob a ocupação militar soviética, era praticamente uma fotocópia dos outros «satélites» governados por Moscovo (Polónia, Hungria, Checoslováquia, Bulgária, Roménia e Albânia), com efetivamente apenas um partido político legalizado: o Partido Comunista, que controlava a vida civil e política. No ano que antecedeu o nascimento de Merkel, os trabalhadores da Alemanha de Leste tinham-se revoltado. A 16 de junho de 1953, milhares de trabalhadores da construção civil pousaram as suas ferramentas e marcharam pela estrada principal de Berlim Leste, exigindo melhores salários e condições de trabalho, além de eleições justas. Em resposta, o governo da Alemanha de Leste, controlado pelos soviéticos, declarou lei marcial, matando várias centenas de manifestantes e estabelecendo um padrão de brutalidade que viria a repetir-se na Hungria em 1956, na Checoslováquia em 1968 e na Ucrânia em 2014.

A repressão e violência do governo fizeram com que as migrações regulares do Leste para a Alemanha Ocidental se tornassem uma enchente. Nesse ano, sete anos antes de o muro fronteiriço alemão finalmente deter o fluxo migratório, 331.000 habitantes da Alemanha de Leste abandonaram as suas casas e meios de subsistência para se dirigirem para Oeste.

Uma família alemã optou por viajar na direção contrária. Dois meses depois de o marido deixar Hamburgo em direção ao Leste, Herlind Kasner, com a filha Angela dentro de um cesto, juntou-se a ele, apanhando um comboio para uma viagem de três horas até Quitzw, na província de Brandemburgo. O contraste entre a azáfama revivalista de Hamburgo e a vida simples desta aldeia agrícola era chocante, até para o pastor asceta e a sua esposa. A família não demorou muito a mudar-se para Templin, uma vila a cerca de noventa milhas a leste, localizada numa região de lagos prístinos e pinhais que fazia lembrar o cenário de um conto de fadas germânico. Foi ali que Angela Kasner deu os seus primeiros passos.

Certa vez, perguntaram a Angela qual a imagem que lhe ocorre quando

ouve a palavra *Heimat* — uma palavra alemã, sem tradução, que sugere não só a noção de «casa», mas também do lugar ao qual sentimos que pertencemos. Respondeu com uma descrição dos arredores de Templin: «um lago, algumas florestas e vacas, um pedregulho aqui e ali... pinheiros e feno». Ali, com muito poucas distrações e a liberdade de explorar tanto a natureza como a sua própria imaginação, a jovem Angela Merkel aprendeu a depender de si mesma. Ainda hoje, Merkel afirma que o lugar onde prefere acordar é «em casa». Templin.

O comboio de Berlim para Templin passa por muitas das estações mais sangrentas do conturbado último século da História alemã, incluindo: Oranienburg, local de um dos primeiros campos de concentração nazis; Sachsenhausen, primeiro um campo de concentração nazi e depois soviético; e Seelow, onde as tropas de Hitler e do líder russo Josef Stalin se batalharam até ao amargo final da guerra. Os sinais de trânsito em cirílico que ainda indicam o caminho até Templin são uma recordação inegável da ocupação do exército soviético. O solo local continua envenenado devido aos testes de armamento realizados na antiga base militar russa, ali perto. Durante a infância de Angela, esta calma surreal era perturbada várias vezes por dia, por aeronaves soviéticas em voos rasantes.

Ao entrar em Templin, um visitante encontra uma vila pitoresca, com ruas calcetadas e edifícios de tijolo vermelho. Foi aqui que Merkel cresceu, estudou e casou pela primeira vez — e continuou a ser a cidade natal da sua mãe, até esta falecer em 2019. Quando lhe perguntaram acerca da mudança da sua família, mais tarde, Herlind explicou: «Viemos como cristãos a ajudar outros cristãos. Alguns vão para África; porque é que nós não podíamos ir para o outro lado do nosso país?»¹¹ A comparação entre a Alemanha de Leste e África é reveladora, sugerindo até que ponto o Leste Comunista parecia estranho aos habitantes do Oeste. Herlind pagou um preço alto pela mudança para o Leste: sendo a esposa de um pastor «burguês», foi impedida de dar aulas. No entanto, Angela não se recorda de alguma vez a sua mãe ter lamentado a mudança da família para a zona ocupada pelos soviéticos. Desde o início, Horst e Herlind Kasner incutiram os valores do sacrifício e da autodisciplina à sua filha.

Quando a família Kasner chegou a Waldhof — um complexo isolado de aproximadamente trinta edifícios, que pertencia à Igreja Luterana —, era

* «Pátio da floresta», em português, com tradução da autora para inglês, *forest court*. (N. de T.)

demasiado pobre para sequer comprar um carrinho de bebê para Angela. Um caixote alterado serviu de berço para a futura chanceler. «O meu pai tinha de ordenhar cabras, e a minha mãe aprendeu a fazer sopa de urtigas com uma idosa»¹², recordou Merkel. A sua primeira recordação é de fugir dos cavalos que galopavam pelo quintal. Naqueles tempos, «os meus pais partilhavam uma pequena mota como meio de transporte», recordou. Mais tarde, quando Horst Kasner era já um pastor estabelecido e aprovado pelo Estado — ou seja, quando se tornou evidente que não desafiava a legitimidade do estado comunista —, a família recebeu dois carros privados, um raro privilégio num satélite soviético*. Muitos dos seus colegas eclesiásticos defendiam que Horst era demasiado complacente perante um regime perverso. Apesar dos privilégios que lhe foram concedidos em resultado do seu cargo proeminente na igreja, o seu estatuto era precário, bem como o da sua família.¹³ Segundo um relatório oficial de 1994, o país de Martinho Lutero estava descristianizado, sob a liderança do Partido Comunista. Contudo, a futura chanceler aprendeu valiosas lições de destreza política neste contexto obscuro.

Parte do complexo Waldhof era constituído por um dos mais importantes seminários da Alemanha de Leste, onde Kasner ensinava a catequese. Ali, a vida era simples: sem floreios, nem luxos. Nessa altura (assim como no presente) a paróquia incluía um abrigo para várias centenas de crianças e adultos, com incapacidades físicas e de desenvolvimento, que aprendiam ofícios simples. Sendo uma parte vital da comunidade religiosa, a sua presença — mesmo em eventos familiares dos Kasner — sempre foi algo normal para Angela.

Os vizinhos ainda vivos recordam Horst Kasner como uma figura intimidante e controversa, conhecido bem para lá dos arredores. «Era um homem severo, que não parecia um homem da Igreja», recorda o amigo de infância de Angela, Ulrich Schöneich, um homem alto, corpulento e ainda de aspeto jovem que, em tempos, foi o presidente da Câmara de Templin. O pastor Kasner pode não ter sido um homem gentil do clero, mas foi com ele que Angela aprendeu rigor lógico e clareza de argumentação.

Kasner mantinha um regime exigente para Angela. «Tudo tinha de

* Tendo crescido na Hungria, eu e a minha irmã frequentávamos a missa católica todos os domingos, na igreja do nosso bairro. No entanto, a freira que vinha a nossa casa para nos ensinar a catequese não estava autorizada a vestir o hábito. Nessa altura, ser católico praticante não era, de todo, uma vantagem. Ficávamos marcadas como burguesas, um crime que justificou a detenção dos meus pais, no início de 1955, bem como a sua falsa acusação como espiões americanos.

estar absolutamente em ordem», explicou Merkel numa entrevista, no início da sua carreira política. Em criança, tinha dificuldade em compreender as prioridades do pai: «O meu pai tinha jeito para abordar as pessoas e fazê-las falar. O que realmente me enfurecia em criança era o facto de ele se mostrar tão compreensivo com todas as outras pessoas; mas se nós, os filhos, fizéssemos alguma asneira, a reação dele era completamente diferente.» Especialmente doloroso para Merkel foi aperceber-se de que o seu adorado pai parecia usar o trabalho como pretexto para se afastar dos seus deveres familiares. «O pior era quando ele dizia que voltava já, mas depois demorava horas a voltar», recordou. Havia dias em que ela ficava à espera dele à porta de casa, durante «muito tempo».

Felizmente, havia outros adultos na vida da jovem Merkel que tinham tempo, paciência e o carinho que o pai austero e a mãe ocupada muitas vezes não lhe ofereciam. «Lembro-me de um jardineiro, um homem mais velho e robusto, que me inspirava bastante confiança e calma»¹⁴, recordou Angela, muito mais tarde.

«Aprendi todo o tipo de coisas com ele, acerca da vida prática. Aprendi a identificar flores, ou a saber quando era a época dos cíclames. Com ele, aprendi a falar com as pessoas com deficiência mental. Com ele, o ambiente era caloroso e de confiança, e ele deixava-me comer cenouras acabadas de colher. Este homem fez despertar em mim uma ligação à terra e à natureza... Hoje, reconheço a importância do tempo; é mais importante do que os bens materiais.»

Neste cenário puro de bosques e lagos, Merkel aprendeu a encontrar refúgio no silêncio do campo. Mais tarde, um dos seus assessores mais próximos na chancelaria referir-se-ia aos passeios de Angela nestes mesmos bosques como o seu «grupo de reflexão privado». Um dos seus amigos mais antigos atribui a faceta a que chama «Merkel melosa» àquela juventude passada longe do stresse e ruído da vida urbana. Merkel ainda aprecia o sossego e admite: «Aquele falatório todo; para mim, às vezes é um problema... Para mim, é importante estar com alguém e, mesmo assim, não ter de dizer nada.» O à-vontade de Angela Merkel com o silêncio viria a tornar-se útil no seu futuro como política e negociadora — quando o usava para perturbar os adversários.

Os anos serenos da infância de Angela Kasner terminaram abruptamente, na manhã de 13 de agosto de 1961. Dois dias antes, o pai tinha-se apercebido

de que algo não estava bem. Quando a família voltava de carro das férias na Baviera, o pastor reparou em enormes rolos de arame farpado, empilhados num pinhal ao longo da autoestrada, ao passarem da Alemanha Ocidental para a Alemanha de Leste. «Que estranho», comentou com a esposa. Dois dias mais tarde, os Kasner estavam a caminho da igreja quando a notícia foi anunciada na rádio. Aqueles rolos de arame farpado tinham sido usados para separar a Alemanha de Leste da Alemanha Ocidental — e do resto da Europa. Daí em diante, a Alemanha de Leste passaria a ser um estado policial. De repente, o sacrifício de Kasner pelo seu Deus e pela sua Igreja assumiu uma nova dimensão.

«Tinha 7 anos quando vi [pela primeira vez] os meus pais completamente indefesos. Não faziam ideia do que fazer ou dizer. A minha mãe chorou o dia inteiro»¹⁵, recordou Merkel. «Queria ajudá-los, encorajá-los, mas não foi possível.» Herlind estava a aperceber-se de que talvez não pudesse voltar a visitar a família, em Hamburgo. Pelo menos, a família do marido vivia em Berlim Leste. A família de Hamburgo ficou isolada dos Kasner pelos controlos fronteiriços mais rígidos da Europa, que daí em diante separaram a Alemanha Ocidental do Leste.

A construção do Muro de Berlim (ou Barreira de Proteção Antifascista, de acordo com o seu nome oficial), com cerca de cento e dez quilómetros, e do muro fronteiriço no limite entre os dois países foi um ato de desespero para salvar a Alemanha de Leste Comunista. Com uma fronteira aberta, havia até dois mil alemães de Leste por dia a passar para o Oeste. Agora havia uma barreira de cimento, com um metro e vinte de profundidade e quatro metros de altura, coberta de arame farpado, enquanto no chão as minas terrestres, cães e guardas com armas automáticas faziam da fronteira entre Berlim Leste e Oeste a parcela de terreno mais mortífera da Europa. Ao anoitecer, as luzes dos projetores desencorajavam qualquer tentativa de fuga, a não ser dos mais determinados. Mais tarde, Merkel chamaria ao país da sua juventude um *Lager*, uma palavra normalmente usada para descrever campos de concentração.

No entanto, dentro do santuário do Waldhof, para a jovem Angela, a vida não se alterou drasticamente. Tinha consigo os pais e os irmãos mais novos — Marcus (nascido em 1957) e Irene (nascida em 1964). E Angela tinha acesso à considerável coleção de livros dos pais, que ambos tinham trazido de Hamburgo. Num país fechado, estes tornaram-se uma forma de evasão. Mesmo antes da adolescência, Angela tinha um interesse voraz por descobrir os novos mundos contidos nos livros. Durante as noites longas

e sombrias passadas no espartano Waldhof, Angela devorou os clássicos russos, o que deu início à sua eterna paixão pela cultura e idioma russos. «O russo é um idioma belíssimo, cheio de emoção; quase semelhante à música, mas também um pouco melancólico»¹⁶, comentou. Nunca confundiria os nobres poetas e autores russos — ou o povo russo — com os seus líderes soviéticos.

Embora Herlind estivesse banida do ensino formal, ensinou inglês básico à filha, o que mais tarde a ajudou no palco internacional. Mas os Kasner não tinham muitos livros em inglês em casa; na Alemanha de Leste, o material de leitura que não estivesse na lista de aprovação marxista-leninista era tão controlado como as armas*. A única publicação de língua inglesa ao dispor da jovem Angela era o órgão oficial do Partido Comunista Britânico, o *The Morning Star*, que comprava nas suas viagens a Berlim.

Na quietude da casa paroquial, enquanto lia as biografias dos grandes académicos e estadistas europeus, Angela descobriu o seu novo exemplo a seguir: Marie Curie, a primeira mulher a ganhar, não um, mas dois Prémios Nobel¹⁷. Havia vários motivos para admirar a cientista, incluindo ter nascido na Polónia, tal como um dos avós de Merkel. «Enquanto foi viva, a Polónia esteve dividida e ocupada pela Rússia. Nós também tivemos a nossa experiência com a ocupação russa», referiu Merkel numa das suas primeiras entrevistas. Mas o que mais impressionou a jovem foram as circunstâncias que levaram a que Curie descobrisse o elemento rádio:

«Ela fez esta descoberta porque estava convencida de que tinha uma boa ideia... Se acreditarmos numa ideia — mesmo que sejamos os únicos —, se seguirmos esta ideia, e aguentarmos os altos e baixos, acabaremos por atingir o nosso objetivo, se a ideia estiver correta.»

Ávida por uma fuga e em busca de um modelo a seguir, Angela ficou entusiasmada com a tenacidade de Curie e o seu triunfo final, especialmente numa área onde reinava a discriminação de género. «Na vida, nada existe para se temer; apenas para compreender», escrevera Curie. Um sentimento que impressionou profundamente a jovem Angela.

Se, por um lado, a vida da cientista Curie a inspirou, também a Bíblia o fez, sendo uma das suas principais companhias de infância. Graças aos sermões de domingo do pai, na capela de tijolo vermelho de São Jorge, em Templin, a jovem ficou a conhecer tão bem as figuras do Velho e do

* Quando era correspondente de imprensa, no final da década de 1970, atravessei a fronteira de Berlim Ocidental para Leste e lembro-me de os guardas da fronteira me perguntarem: «Algum contrabando, armas ou jornais?»

Novo Testamentos, como as outras crianças conheciam as personagens dos *Contos dos Irmãos Grimm*. O pai de Merkel encorajava um pensamento rigoroso e crítico — mesmo, a um nível que talvez não tivesse sido intencional, no que dizia respeito a Deus. Numa das suas primeiras entrevistas, Angela expressou uma perspetiva pouco ortodoxa acerca da salvação e da vida após a morte: «Acredito que este mundo é limitado e final, mas há algo para além dele, o que o torna suportável. Podemos chamar-lhe Deus ou outra coisa qualquer..., mas acho reconfortante que exista algo como a Igreja. Para mim, o facto de podermos pecar e ser perdoados dá-me um certo alívio. Caso contrário, enlouqueceríamos.»¹⁸ Na Bíblia, encontrou uma riqueza sem fim, que acabaria por se tornar uma fonte de força para toda a vida.*

A fé é uma pedra basilar para Merkel, enquanto pessoa e em tudo o que já alcançou¹⁹. É muito diferente da Cristandade mais doutrinária do seu pai. «Trato a fé com cuidado», referiu. «Para mim, a religião pertence à esfera privada. Permite-me perdoar a mim mesma e aos outros, e impede-me de me afogar nas minhas responsabilidades. Se fosse atea, seria mais difícil carregar um fardo tão pesado... O mais difícil, e mais importante, é... o amor. Se lermos a Bíblia, o Evangelho de João, não se refere [ao amor como] a palavras sentimentais, mas a *ações* de facto. Este amor é incondicional e destemido. É um ato de *servir*», explicou durante uma convenção da Igreja Protestante, em 1995, na sua declaração mais explícita acerca da visão do mundo que viria a orientar a sua vida pessoal e profissional. Os atos valem mais do que as palavras, e o amor evidencia-se mais quando nos esforçamos de forma constante e inabalável do que quando atingimos um objetivo específico. Este era o credo de Angela Merkel.

Dez anos mais tarde, noutra convenção da Igreja Protestante, num discurso acerca da sua fé, Merkel mencionou o autoconhecimento e a autoconfiança como qualidades essenciais para dar e receber amor, insistindo: «Só somos capazes de amar se nos amarmos a nós mesmos, se acreditarmos em nós mesmos, se conhecermos a nós mesmos. Só então poderemos abordar o *outro*... O amor só pode surgir se soubermos quem somos.» Esta autoconsciência também levaria ao reconhecimento de que «faço parte da História; posso e vou cometer erros». Esta autoaceitação explica muito acerca da compostura de Merkel, mesmo sob extrema pressão.

* Nos seus primeiros tempos como política, Merkel deixava por vezes que a linguagem bíblica se imiscuísse no seu discurso. Por exemplo, a 17 de janeiro de 2001, aconselhou o então ministro dos Negócios Estrangeiros, Joschka Fischer, a arrepender-se por atirar uma pedra a um polícia, durante a sua fase de estudante radical, em 1968. Foi um erro que não repetiria ao tornar-se mais experiente.

Em muitos sentidos, a fé de Merkel baseou-se na sua exposição à comunidade de pessoas incapacitadas com quem viveu em Waldhof. No mesmo discurso de 2005, Merkel citou uma passagem da Bíblia, Malaquias 2.17: «Malaquias vê a violência na sociedade, contra os fracos, os que estão à margem da sociedade, os trabalhadores a contrato, as viúvas e os órfãos tratados injustamente. Malaquias diz que isto é inaceitável; vai contra os mandamentos de Deus... Os mais fracos da sociedade não devem ser maltratados. Temos de nos concentrar neles.»²⁰ Uma década mais tarde, Merkel viria a pôr essas palavras em prática, ao permitir que um milhão dessas pessoas «à margem da sociedade» — refugiados a fugirem dos seus países no violento Médio Oriente — entrassem na Alemanha. Aqueles que conheciam a sua fé privada não ficaram totalmente surpreendidos.

Para atingir o seu objetivo de servir os outros, Merkel cedo se apercebeu de que iria precisar de poder; uma palavra que nunca encarou como pejorativa. Tal como explicou: «O poder, por si só, não tem nada de mal. É necessário. O poder é “criar” — fazer alguma coisa. Se queremos fazer alguma coisa, precisamos das ferramentas certas; isto é, o apoio de um grupo... O oposto de ter poder é ser *impotente*. De que adianta ter uma boa ideia se não a pudermos executar?»²¹ Ouvir um político, seja homem ou mulher, a exprimir uma perspetiva tão explícita acerca do poder — e da sua necessidade de o obter — é, no mínimo, invulgar.

Merkel começou cedo a exercer o seu próprio poder. O seu amigo de infância, Ulrich Schöneich, descreveu-a como «uma líder, desde o início. Se era preciso organizar alguma coisa, ela tratava disso». Despachando rapidamente os seus trabalhos da escola, «ajudava os outros a fazerem os deles», afirmou Angela, mais tarde. E gostava de estar preparada. «Comecei a planejar as compras de Natal com dois meses de antecedência. Para mim, era muito importante estruturar a minha vida e evitar o caos.»

Mesmo na sua juventude, Merkel era naturalmente cautelosa e precisava de controlo. Há poucas histórias que o demonstrem tão bem como aquela que os amigos contam de Angela na prancha de saltos. Com a professora do terceiro ano a incentivá-la, entre os risos e troça dos colegas, a criança de 9 anos subiu os doze longos degraus até uma prancha com três metros de altura — e depois paralisou. A água parecia muito lá em baixo. No entanto, Angela não fugiu; em vez disso, durante quarenta e cinco minutos, percorreu a prancha para trás e para diante, como se estivesse a calcular os prós e os contras. Finalmente, precisamente quando a campainha tocou, Angela saltou.

...

A acomodação — até onde é possível alinhar com um sistema perverso, em prol da sobrevivência? — era uma questão à qual Angela não podia fugir, na Alemanha de Leste. Além da Rússia, nenhum outro país tinha tido mais tropas russas do que a Alemanha de Leste: estima-se que cerca de 380.000 soldados e 180.000 civis ocuparam o país até 1991. Com o tempo, esses ocupantes russos, com quem ela tinha conversado nas ruas de Templin, assim como os seus colaboradores alemães, tornaram-se cada vez mais uma fonte de frustração e até fúria. Merkel contou mais tarde que, todos os dias, quando chegava a casa, vinda da escola, «tinha de falar sobre isso com a minha mãe; primeiro, tinha de desabafar»²². Mais do que o Muro, Angela encontrava cada vez mais barreiras invisíveis. «Nunca podíamos realmente desafiar-nos, ver até onde podíamos ir», recordou. O passado de cada um — burguês ou proletário — desempenhava o papel mais importante para as perspetivas de futuro.* No entanto, apesar da frustração crescente, Angela fez uma promessa a si mesma: «Disse a mim mesma que se já não aguentava viver ali, não iria arruinar a minha vida. Se já não aguentar, vou para o Ocidente, custe o que custar.»

Dar nas vistas era perigoso, pelo que Merkel aprendeu a não atrair as atenções. Nas fotografias de grupo desta altura, Angela, com uma franja reta e uma camisola deselegante, sorri na fila de trás. No entanto, foi a primeira da sua escola a usar aquele símbolo da moda do Oeste decadente: calças de ganga azuis, recebidas como contrabando dos seus parentes de Hamburgo. No entanto, Merkel rapidamente aprendeu que até um par de calças podia arranjar-lhe sarilhos. De vez em quando, o reitor da escola mandava alunos para casa por as vestirem, dizendo-lhes que escolhessem «roupas adequadas ao Estado dos trabalhadores e camponeses».

Contudo, não era a aparência de Angela Kasner que as pessoas comentavam; era a sua inteligência. «Conheci-a quando era uma miúda magriçela de doze anos», recordou Erika Benn, em tempos professora de Russo de Merkel. «Hoje diríamos que era sobredotada.» Era altamente motivada,

* Assim como as nossas atitudes e as da nossa família, para com o Estado todo-poderoso. Os meus próprios pais foram considerados «inimigos do Estado» pela sua atitude intolerante perante a Hungria Comunista. Assim, eu não poderia ter seguido uma educação académica naquele país, apenas uma educação técnica.

** «Ir para o Ocidente» acarretava um planeamento extraordinário, imensa coragem, dinheiro para pagar a «guias» e, claro, sorte. As probabilidades de uma fuga bem-sucedida eram assustadoramente baixas. Ao longo da minha infância na Hungria, os meus pais tentaram várias rotas de fuga por trás da Cortina de Ferro. Todas falharam, por diversos motivos: traição interna, mau tempo, a queda de uma criança (essa criança fui eu).

nunca cometia erros de gramática de russo e ficou em primeiro lugar nas Olimpíadas de Línguas regionais, ganhando posteriormente o concurso nacional. Benn, antigo membro do Partido Comunista, afirmou que o único problema que via na sua melhor aluna era esta não ter presença em palco. «Nunca sorria! Nunca tentava conquistar-nos pelo charme. Tinha de lhe sussurrar para que me olhasse nos olhos, quando ela olhava para os sapatos.»

Aos 15 anos, por ter vencido as Olimpíadas da Língua Russa, Angela teve direito à sua primeira viagem ao estrangeiro, mais precisamente a Moscovo. A memória mais nítida que tem dessa viagem é a de comprar o seu primeiro disco ocidental, embora já não tenha a certeza se o LP em questão era dos Beatles ou dos Rolling Stones (de todos os satélites soviéticos, a Alemanha de Leste era o mais rígido e controlado contra influências culturais e políticas «imperialistas», ou ocidentais).

Para a filha de um clérigo, ser admitida numa escola secundária académica, em vez de uma escola técnica, era bastante invulgar. E, embora Merkel fosse uma aluna de nota máxima, raramente era elogiada ou recompensada pelos professores. Na verdade, a professora de Russo foi repreendida pelo seu desempenho merecedor de prémios: «Numa das reuniões do Partido Comunista na escola, um oficial do partido zombou: “Não é assim tão difícil obter resultados com os filhos da *burguesia*! Temos de promover os filhos dos trabalhadores e dos camponeses!”», recordou Benn. O crime de Angela era sempre o seu suposto pai burguês, que, apesar de estar longe de ser um dissidente, era ainda assim um pastor luterano no Estado ateu e, como tal, suspeito. «Nas aulas, eu tinha de ser sempre melhor do que os outros», afirmou Merkel.

Por mais brilhante que fosse, Angela continuava a ansiar pela companhia e aprovação dos seus colegas. Juntou-se aos Jovens Pioneiros, uma espécie de organização preparatória para o Partido Comunista. Nas suas próprias palavras, a sua motivação para se inscrever foi «70 por cento oportunismo». Queria ter uma vida social; queria integrar-se. Assim, Angela aprendeu a navegar entre mundos: a cantar hinos luteranos, na igreja, e a repetir os elogios a Vladimir Lenin, na escola. «Às vezes, havia pessoas que eu até invejava por simplesmente conseguirem acreditar. Sem questionar, sem duvidar, simplesmente a seguirem as regras»²³, admitiu.

Mesmo enquanto aprendia a teoria marxista-leninista, com a sua previsão otimista do inevitável triunfo do proletariado, Merkel acompanhava secretamente a política do lado proibido da Alemanha. «Em 1969,

esgueirava-me para a casa de banho das meninas, com o meu rádio transistor, e ouvia os debates que antecederam as eleições do presidente da Alemanha Ocidental», recordou. «Fiquei entusiasmada ao ver como as três rondas de votação podiam ser emocionantes!» Graças ao seu pai, nesse mesmo ano, Angela adquiriu um exemplar raro do ensaio do físico nuclear soviético Andrei Sakharov, que atacava a perigosa e dispendiosa corrida às armas, levada a cabo por Moscovo. Quando Merkel foi apanhada com o material de leitura proibido, o Pastor Kasner foi imediatamente chamado para ser interrogado pela *Stasi*. Recusou-se a revelar a sua fonte, mas o episódio em causa lembrou-lhe que nem os pastores «amigos» do Estado estavam imunes ao aparato do terror.

Ulrich Schöneich e outros consideravam que o pai de Angela, a quem muitos apelidavam de *Rote Kasner* — Kasner Vermelho — era muito complacente com o regime. Mesmo ao pregar o Evangelho, o pastor não se opunha firmemente às intromissões e regulamentações da Igreja impostas pelo Estado. «Houve tempos em que pessoas como o pai de Angela pensavam que os cristãos e os comunistas tinham um objetivo idêntico», confidenciou-me Lothar de Maizière, um membro ativo da Igreja Luterana alemã. «Todos acreditavam no ser humano benevolente.» Por isso, tentaram encontrar pontos em comum. «Não queremos ser uma Igreja *contra* o socialismo. Não queremos ser uma Igreja *a favor* do socialismo. Queremos ser cristãos dentro deste sistema e coexistir de forma pacífica com o Estado», explicou de Maizière. «Esta fórmula foi inventada pelo pai de Angela.»

Décadas após a queda do Muro, há quem se lembre bem e com amargura do Pastor Kasner. Reiner Eppelmann é um desses clérigos. Tendo sido pastor dissidente e sem rodeios na Alemanha de Leste, na década de 1980, Eppelmann foi alvo de três tentativas de assassinato, por parte da *Stasi*. Conheceu o Pastor Kasner no seminário de Templin, quando estava precisamente a concluir os seus estudos de Teologia. «Fiquei chocado com a atitude de Kasner», recordou, em Berlim, na nossa longa entrevista no outono de 2017. Era suposto Horst orientar os novos pastores na conclusão da sua formação teológica, mas — segundo Eppelmann — Horst parecia convicto de que esta Alemanha socialista estava «livre de exploração» e era genuinamente melhor do que a Alemanha capitalista. «Deixou isto bem claro para todos nós, pastores, vezes sem conta. Era arrogante e criticava a Igreja Protestante, embora esta estivesse a fazer tudo ao seu alcance, debaixo de grande pressão.» Kasner também comentou com Eppelmann que achava que não haveria pastores na Alemanha de Leste por muito mais tempo.

«Tem de imaginar quinze jovens sentados num colégio pastoral, à espera de serem enviados para a sua primeira paróquia, algures no Leste. De repente, Kasner diz-nos: “Não vão ser pastores numa paróquia, porque o número de pastores no Leste vai continuar a diminuir. A Igreja não vai poder continuar a sustentar-vos. Vão precisar de empregos *normais*, das nove às cinco, de segunda a sexta, e de cuidar da vossa igreja ao sábado e ao domingo.” Pode imaginar o quanto ficámos desmoralizados», comentou Epplemann. A mistura entre política e ideologia religiosa não caiu bem a Kasner. E, por vezes, o seu comportamento parecia hipócrita: «Achei que a maneira como ele associava a fé à política era terrível. E o facto de não querer admitir o quanto os pais e filhos protestantes estavam a sofrer na Alemanha de Leste... Recusava-se a reconhecer que estavam a ser punidos *porque* eram cristãos! Kasner acreditava que todos nós, incluindo os pastores cristãos, devíamos tornar-nos “socialistas desenvolvidos”.»

Quando Kasner foi obrigado a acomodar e até promover o plano da *Stasi* para abolir os pastores, ter-se-á porventura arrependido da mudança para o Leste. Ainda assim, o pai de Angela agarrou-se à esperança de que alguma versão do seu ideal socialista iria sobreviver — mesmo que houvesse cada vez mais provas do contrário.

Merkel nunca criticou publicamente as políticas do seu pai. «O meu pai tentou criar uma Igreja que atendesse às necessidades do povo de Leste», comentou, comparando as crenças de Horst às dos teólogos da libertação da América Latina. Contudo, a lealdade de Merkel em público não implicava que concordasse com ele em privado. Recordou uma discussão antiga «acerca de até que ponto devemos tornar comum a propriedade, garantindo ao mesmo tempo que ainda há suficiente responsabilidade individual». Anos mais tarde, o pastor viria a dizer que tinha perdido a filha muito cedo, comentando num tom algo amargo que «ela faz sempre o que quer».

O ano de 1968 desferiu outro duro golpe à versão idealizada de Kasner acerca do socialismo — algo que impressionou profundamente Angela, de 14 anos. Foi o ano da Primavera de Praga, um período de liberalização política e protestos em massa na República Socialista da Checoslováquia. As liberdades concedidas incluíram o aligeirar das restrições aos meios de comunicação social, liberdade de expressão e viagens, de janeiro a agosto de 1968. «Lembro-me bem do ambiente de otimismo e de um novo começo»²⁴, refletiu Merkel, anos mais tarde.

«Estávamos de férias nas Montanhas de Pec, na Checoslováquia. Toda a gente estava entusiasmada. Depois os meus pais foram passar dois dias

a Praga, para ver o que estava a acontecer na Praça de Venceslau», o local dos protestos contra o governo. «Voltaram muito entusiasmados, com esperança de que a situação no campo socialista se alterasse e acabasse por se abrir... e que o que estava a acontecer na Checoslováquia pudesse acontecer também na Alemanha de Leste. Lembro-me de ficar cética em relação à possibilidade de se reformar o próprio socialismo.»

A 21 de agosto, Merkel tinha regressado das suas férias nas montanhas checas e estava de visita à avó, em Berlim Leste. «Ainda me vejo espedada na cozinha, naquela manhã, quando anunciaram na rádio que as tropas russas tinham marchado sobre Praga.» Quinhentos mil soldados das vizinhas Repúblicas Socialistas — Polónia, Bulgária, Hungria e, o mais doloroso para a jovem Angela, Alemanha de Leste — invadiram a fronteira checa e esmagaram a Primavera de Praga. «Foi um golpe duro. Fiquei envergonhada e muito triste», recordou Merkel. Quando os tanques russos esmagaram o movimento de reforma na Ucrânia, em 2014, Merkel teve uma reação mais rápida e assertiva do que os outros chefes de Estado. A brutalidade certamente despoletou a memória de estar na cozinha da avó, naquele longínquo verão de 1968, a ouvir as notícias de Praga.

Depois de os soviéticos esmagarem a experiência liberal checa de «Socialismo com um Rosto Humano» — como foi apelidada a Primavera de Praga pelos seus líderes, nomeadamente Alexander Dubcek, que dirigia o Comité Central do Partido Comunista —, tornou-se mais difícil para o Pastor Kasner continuar iludido acerca da verdadeira natureza do regime da Alemanha de Leste. Ainda assim, Kasner nunca desistiu do seu sonho de um socialismo «humano» e nunca se reconciliou totalmente com o capitalismo. Muito depois da unificação alemã — quando a sua filha era já uma estrela em ascensão nesse estado capitalista —, lamentou: «Tudo o que importa [para os capitalistas] é o *dinheiro*; os produtores terem lucros e os consumidores comprarem, e comprarem mais do que precisam. A economia de mercado está a ser-nos imposta à força e não devemos questioná-la. Tudo está a ser transformado num “mercado”, até a própria natureza.»

Tendo terminado o último ano no *Gymnasium* — o equivalente ao ensino secundário — de Templin, com alta distinção em Matemática, Física e Russo, Angela quase foi impedida de se formar. O único obstáculo foi uma simples partida juvenil²⁵. Quando lhe pediram para encenar um número que professasse o seu amor pelo marxismo-leninismo e demonstrasse o seu

domínio mundial, Merkel e alguns colegas de turma decidiram mostrar solidariedade, não só pelo Vietcongue comunista (na altura, inimigo dos Estados Unidos no Sudeste Asiático e, como tal, considerado uma boa escolha), mas também pelo povo de Moçambique, que estava em guerra com os seus colonizadores portugueses. Esta última afiliação foi mais problemática, visto que esse conflito não era propriamente pró-soviético. Pior ainda, o grupo de Merkel terminou a atuação a cantar um vibrante refrão de *A Internacional*, o hino oficial do movimento comunista, em *inglês* — a «língua dos imperialistas». Devido a estas transgressões, o Partido Comunista planeava reter o diploma de uma das alunas mais brilhantes do *Gymnasium* — na verdade, de toda a região —, que já tinha sido aceite na prestigiada Universidade de Leipzig (renomeada Universidade Karl Marx, em 1953).

Desesperado perante as consequências do raro ato de rebeldia da filha, o pai de Merkel contactou o seu bispo, que persuadiu o Estado a ser clemente para com a estudante promissora e os seus colegas. A filha de Kasner foi poupada, mas aprendeu mais uma lição acerca da brutalidade de um Estado que estava disposto a impedir um futuro possivelmente brilhante, apenas por um pequeno ato de insurreição.



No outono de 1973, aos 19 anos, Angela Merkel chegou a esta grande estação de comboios — onde foi recebida pelo retrato de Vladimir Lenin — para começar a estudar Física na famosa Universidade de Leipzig. Sozinha pela primeira vez, provou ser uma estudante politicamente cautelosa, mas ferozmente motivada e brilhante.